

# André Leroi-Gourhan & Nova Psicanálise

– Seleção e Comentários –

Potiguara M Silveira Jr<sup>1</sup>

Leiam os velhos livros de André Leroi-Gourhan, que foi diretor do Museu do Homem, em Paris. Ele sempre acompanha a tecnologia primitiva muito do ponto de vista de produção material: uma faca, um machado, uma roupa. Acompanha na linguagem também, mas sempre acoplada aos corpos e às produções.

MD MAGNO [1998]

Em texto anterior, sobre *Espelho / Reflexão*<sup>2</sup>, foram destacados certos acontecimentos bem iniciais na formação de uma Pessoa. Retomar Wallon, Lacan e Magno evidenciou, da base, do *infans*, elementos importantes para os raciocínios com que os estudos da

---

<sup>1</sup> Professor Titular aposentado (UFJF). Doutorado (Eco/UFRJ). Formação em Psicanálise (NovaMente/RJ).

<sup>2</sup> SILVEIRA Jr. Potiguara Mendes. *Espelho / Reflexão*: Estádio, Estalo, Epitáfio. TRANZ: Revista dos Estudos Transitivos do Contemporâneo, v. 18, dez 2023. Disponível em:

[https://www.tranz.org.br/18\\_edicao/TranZ23-Potiguara-Formatado-3.pdf](https://www.tranz.org.br/18_edicao/TranZ23-Potiguara-Formatado-3.pdf)

NovaMente estavam e estão lidando desde o final do ano passado: a neotenia, o pedido de providência, a Egopatia...

Seguindo esse rumo, retoma-se agora a obra de um autor que MD Magno menciona desde o início dos anos 1980: André Leroi-Gourhan (1911-1986), um importante arqueólogo, paleontólogo, paleoantropólogo e antropólogo francês, também estudioso de tecnologia e estética. Escreveu uma dezena de livros e inúmeros artigos publicados em revistas especializadas. Recentemente, em conversa, Magno falou de novo sobre a importância da leitura de seus textos.

Um deles é *Le Geste et la Parole* [O Gesto e a Fala], livro que se tornou um clássico. Divide-se em duas partes: (a) ‘Técnica e Linguagem’, publicada em [1964]<sup>3</sup>, e (b) ‘A Memória e os Ritmos’, publicada em [1965]. Mediante a consideração da **evolução técnica como substituta e prolongamento da evolução biológica**, entre outros desenvolvimentos, ele:

(a) faz um balanço das liberações sucessivas ocorridas na espécie humana desde os tempos de uso do sílex lascado (há 2.500 milhões anos) até a invenção da “máquina automática”;

---

<sup>3</sup> Datas entre colchetes se referem ao ano das publicações originais dos textos citados. Cf. *Referências*, no final.

(b) apresenta um histórico de como a imagem do homem é vista desde o período pré-científico até os anos 1960; e

(c) toma a arte figurativa das cavernas como testemunho de uma expressão abstrata da linguagem de novo presente no estado atual da arte em sua recusa do realismo.

Após a publicação do livro em 1965, a descoberta de novos fósseis modificou bastante os dados arqueológicos com que ele trabalhou. A datação geral para os achados sobre a origem dos primeiros *hominídeos* (grandes símios e humanos) “recuou 7 milhões de anos (por enquanto)<sup>4</sup>”: Lucy, a famosa *australopithecus*, só foi encontrada em 1974 e datada de 3,2 milhões de anos. O surgimento do *homo erectus*<sup>5</sup> foi datado de 1,8 milhões de anos. E a datação do *homo sapiens*, nós, recuou para 300 mil anos (ele “integra uma pequena porcentagem (variável) de Neandertal” [*id.*]).

A abordagem feita por Leroi-Gourhan envelheceu em diversos aspectos, mas sua leitura ainda é muito rentável. Os questionamentos e a consideração dos temas de fundo continuam necessários. Por exemplo, a ideia de “inteligência

---

<sup>4</sup> LEHOËRFF, Anne. Préface. In: LEROI-GOURHAN [1965], p. 8-9.

<sup>5</sup> Sobre a invenção da linguagem a partir do *homo erectus*, cf. os comentários de Patrícia Netto Coelho ao livro de Daniel L. Everett [2017], in: MD Magno [2020], p. 388 a 404.

material” e o conceito de “cadeia operatória”, a qual liga “o material (o resultado) e o imaterial (o gesto e o signo)” (*id.*, p. 14).

A seguir, uma seleção de quatro itens do livro que dizem respeito a ideias que foram indicativas para a montagem do arcabouço da NovaMente, e ainda ecoam em suas formulações atuais.

**1.** A partir do estudo dos fósseis, conclui-se que as características básicas resultantes da evolução que chega ao homem atual são, de início: posição vertical; posse de uma face curta; mãos livres durante a locomoção; e produção de ferramentas amovíveis. A importância do volume só intervém depois. Não há proeminência de qualquer desses fatores, pois estão interligados.

A ideia de existir um ancestral-macaco que vigorou com maior ou menor intensidade até os anos 1950 já não era sustentável nos anos 1960. “A situação criada pela posição vertical nos homens representa bem uma etapa que vai do peixe ao *homo sapiens*, mas de modo algum implica o macaco desempenhar aí o papel de fazer o revezamento para adiante”. Ou seja, pode-se conceber a comunidade de fontes do homem e do macaco, mas “desde que a postura vertical se estabelece, não há mais macaco e, portanto, tampouco semi-homem” ([1964], p. 34).

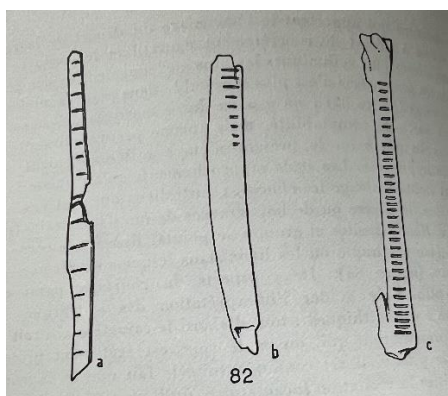
A postura vertical resulta em consequências de desenvolvimento neuropsíquico para além do simples aumento de volume (do cérebro), pois há continuidade nos processos de transformação por que passa a espécie sem necessariamente figuras de passagem de um momento a outro. É, sobretudo, a “relação da face e da mão [que] permanece estreita no desenvolvimento cerebral como anteriormente: ferramenta para a mão e linguagem para a face são dois polos de um mesmo dispositivo” ([1964], p. 34).

**2.** Na primeira parte, Leroi-Gourhan examina o longuíssimo processo que desemboca na posição vertical dos hominídeos. Nos primatas anteriores, há um equilíbrio entre as ações da mão e as da face. O macaco se utiliza desse equilíbrio com maestria: nele, a mão ainda ligada à marcha se harmoniza ao transporte dos alimentos dentro da boca.

Já no hominídeo primitivo, mão e face se divorciam e surge um novo equilíbrio, uma nova relação: o papel da mão liberada da marcha se coloca como meio de criação da ferramenta (e da gesticulação) e passa a se equilibrar aos papéis dos órgãos faciais (e da fonação) como meios de criação da linguagem verbal. A mão inaugurava assim seu papel na criação de um modo de expressão gráfico que equilibrava a linguagem verbal, mas não dependia do desenrolar dessa linguagem verbal, era-lhe paralela.

Esses dois meios vão culminar na escrita linear alfabética (por volta do século VIII AEC). É quando se desenvolve um meio próprio de gravar foneticamente o desenrolar do discurso fora da relação com a imagem realista característica das formas arcaicas de escrita: “o dualismo verbal-gráfico desaparece” ([1964], p. 290-91). Importa aí que “a evolução global da humanidade nada perde de sua coerência” ([1964], p. 290). Coerência que está no fato de que, desde seu início, “a evolução anatômica do homem [vem cedendo] o passo à evolução dos meios técnicos”.

**3.** Diz ele que “entre (...) 50 mil e 30 mil anos antes de nossa era surgem simultaneamente as primeiras habitações e os primeiros sinais gravados, simples alinhamento de traços paralelos” ([1965], p. 182).



(Incisões sobre ossos paleolíticos, ditos ‘marcas de caça’  
[38-30 mil anos])

A construção de abrigos é anterior, “mas as primeiras casas sustentáveis coincidem com o surgimento das primeiras representações míticas” (*id.*). Apesar de a construção de abrigos ser comum ao homem e aos animais, o que está em jogo aí é a domesticação do tempo e do espaço específica dos hominídeos.

Esta é uma informação básica para o entendimento da diferença entre Próteses Secundárias e Próteses ParaEspontâneas, introduzida por MD Magno em [2017]:

Quando você está falando, está fazendo uma prótese secundária, mas se for produzir algo no mundo, construir uma casa, vai fazer uma Prótese ParaEspontânea. Imitou-se o abrigo do Espontâneo, saímos da caverna e fizemos uma pseudo-caverna, uma para-caverna. Então, não são próteses da mesma ordem ([2017], p. 164).

Importa no caso não tanto a diferença, e sim o fato de ambas serem *Próteses*, *Artifícios Industriais* (e não *Artifícios Espontâneos*). Reitera-se aí a onipresença de um *Artificialismo Total* com suas diversas ordens, e fora da diferença natureza / cultura.

Para Leroi-Gourhan, trata-se de, “a partir do Paleolítico superior [50 mil a 10 mil anos], assimilar os fenômenos de inserção espaço-temporal ao dispositivo simbólico, do qual a linguagem é o instrumento principal”. É “uma domesticação em

sentido mais estrito, uma vez que [esses fenômenos de inserção] resultam, dentro da casa e partindo da casa, na criação de um espaço e de um tempo controláveis” ([1965], p. 184). É nessa sequência que surge o ritmo das cadências e dos intervalos regularizados que marcam as rotinas dos dias de hoje. Ritmo este tornado elemento principal da socialização humana e de seus trajetos pelo espaço roteirizado das estradas entre uma cidade e outra. Isto, a ponto de, há vários séculos, em todas as civilizações, alguém

que pretenda reencontrar seu equilíbrio espiritual só tem (...) como saída ir para o monastério, para as cavernas e para o deserto (...) na dupla recusa do tempo e do espaço mediante a imobilização contemplativa ([1965], p. 186).

4. Dando um salto, Leroi-Gourhan vai da invenção da escrita alfabética ao que, em seu momento dos anos 1960, se mostrava como o “além da escrita: o audiovisual” e pergunta “se a escrita já não está condenada, apesar da crescente importância da matéria impressa” ([1964], p. 294).

Sua pergunta decorre do fato de “a gravação mecânica das imagens [a fotografia] ter, em menos de um século, seguido a mesma trajetória que a gravação [fonética] da fala tinha percorrido em alguns milênios” ([1964], p. 294). Primeiramente, as imagens visuais realizadas em duas dimensões desde os



tempos das cavernas e mesmo antes passam à reprodução automática com a invenção da fotografia. Depois, como houve intervenção da escrita, a fala vem a ter sua fixação mecânica com o fonógrafo<sup>6</sup>.

Mas diz ele que, mesmo com a escrita impressa, até o advento do cinema mudo não houve distorção das condições tradicionais do mecanismo de assimilação mental. Condições que só serão modificadas com o cinema sonoro e a televisão: as técnicas audiovisuais se apresentam como “um estado novo na evolução humana, um estado que recai diretamente sobre o que é próprio do homem: o pensamento reflexivo” ([1964], p. 295). Dado isso, ele pergunta se, “no plano individual, não podemos pensar em um verdadeiro retorno aos estádios anteriores à figuração” ([1964], p. 296).

Nesse ponto, há certa correspondência com outro autor da mesma época de Leroi-Gourhan, Marshall McLuhan, que também traz boas indicações para MD Magno<sup>7</sup> em seus

---

<sup>6</sup> Sobre esse tema, cf. Kittler, F. [1986].

<sup>7</sup> Magno conta que, numa das conversas semanais que tinha com Anísio Teixeira, seu mestre, falou elogiosamente sobre McLuhan. Foram à Livraria Leonardo da Vinci, no centro do Rio de Janeiro, e, após ler *The Gutenberg Galaxy* [1962], Anísio, editor da Companhia Editora Nacional, co-traduz, faz uma apresentação e publica a edição brasileira em [1969].

entendimentos da situação dos anos 1960 e em suas proposições para desdobramentos futuros. Daí, dessa noção de um “estado novo na evolução humana”, Magno reiterar que o fator crucial de transformação do mundo desde os anos 1980 é o advento generalizado da tecnologia eletrônica. Ou seja, não foram ideias proferidas por tais ou quais filósofos, pensadores etc., que desfiguraram o mundo letrado, visual, diferenciador e separatista predominante durante os últimos dois mil anos, e sim a instalação pervasiva de um novo ambiente tecnológico-informacional interconectado planetariamente.

Dizia McLuhan em [1964] que “nossa civilização especializada e fragmentada, baseada na estrutura centro-margem, subitamente está experimentando uma reunificação instantânea de todas as suas partes mecanizadas num todo orgânico” (p. 112). Para ele, numa perspectiva evolucionista dos *media*, haveria três grandes modos de civilização: da oralidade, da imprensa e da eletricidade (eletrônica). “A nova galáxia elétrica já entrou na galáxia de Gutenberg” ([1962], p. 371) dominante no segundo modo. Destaque-se nessa tríade que o terceiro modo, aquele em que estamos, supõe um retorno ao ambiente acústico totalizante do primeiro modo, mas agora eletronicamente aparelhado e disponível no ambiente tátil de

uma “aldeia global”, em que há “uma interfusão do espaço e das funções” (p. 112).

Esse retorno / avanço presente em McLuhan se coaduna com a pergunta de Leroi-Gourhan sobre um “verdadeiro retorno aos estádios anteriores à figuração” ([1964], p. 296). Diz ele, na segunda parte de seu livro, que há na arte abstrata atual “uma rejeição de qualquer figuração”, que se aproxima do fato de “os afrescos paleolíticos só figurarem o que contêm de maneira abstrata” ([1965], p. 312). Mas no caso dos Paleolíticos tratava-se de “inovação”, ao passo que, em sua recusa da figuração, os surrealistas, por exemplo, apenas “tentaram renovar” (p. 313). No final do século XVIII, passou-se de um mundo que durava desde o primeiro cultivador agrícola a um mundo diferente, diretamente esboçado nas técnicas. Ou seja, a situação foi reconduzida ao mesmo “ponto em que estavam os próximos predecessores dos pintores de Lascaux” (p. 317). O que importa ressaltar é que o encaminhamento de hoje também implica ir “até o ponto além do qual não há mais ressurreição, e sim nascimento de um outro ciclo” (p. 315). É o fim / início de uma era que se apresenta como inarredável (apesar do caráter regressivo de muitas tendências políticas, sociais e mentais bastante em evidência no mundo atual).

\*

Tal qual está dito no texto *Reflexão / Espelho*<sup>8</sup> sobre Wallon e Lacan, não há continuidade entre os modos de pensar de Leroi-Gourhan (e McLuhan) e Magno, cada um segue seu próprio protocolo. A breve apresentação dos itens acima visa tomar das análises paleontológicas e estéticas realizadas por Leroi-Gourhan indicações do que lá estava disponível como pensamento sobre a contemporaneidade nos anos iniciais da concepção da Nova Psicanálise.

Nos anos 1980, Magno postula a *Pulsão* como vetor único e básico do movimento geral do que há (do *Haver*, como chama) no percurso implacável à sua extinção (*i.e.*, de *não-Haver*). É uma reafirmação do que Freud denominara “pulsão de morte” ao constatar sua onipresença tanto nos processos mentais quanto do mundo orgânico. Depois, em [1992], apresenta uma nova Tópica, a *Tópica do Recalque: Primário, Secundário e Originário* (1ar→2ar→Or). Tópica esta diretamente referida ao *que há* por inteiro (em seu desejo de atingir a Morte que *não-há*), e não apenas presente nos processos psíquicos como era, sobretudo, o caso das tópicas de Freud e de Lacan.

Nessa Tópica do Recalque, supõe-se a possibilidade contínua de retorno / avanço / retorno... de cada vetor sobre os

---

<sup>8</sup> Cf. nota 2, acima.

outros – operação chamada *Revirão* –, dado que é do advento do Originário no âmago do Primário que surge o Secundário (este inclui a cultura, o simbólico etc.). Ou seja, há uma anterioridade do Originário, ele vem antes, mas só é possível considerá-lo depois, mediante o Secundário. E é justo esse Originário – pensado como indiferenciante e avalorativo das diferenças presentes no Primário e no Secundário – que se disponibiliza de saída como constituinte da espécie (agora não mais de hominídeos, mas) de *IdioFormações*, como são chamadas. Dirá Magno em [2013] sobre “Leroi-Gourhan, (...) com sua observação da produção humana de tecnologia desde a pré-história. (...) junto com esse negócio de falar veio muita prótese. São as próteses produzidas pelo Secundário porque há o Originário” (p. 217).

Uma vez estabelecida essa nova base conceitual esteada num único conceito, de Pulsão – *i.e.*, de o atrator do que há, do *Haver*, ser um *não-Haver* desejado ( $A \rightarrow \tilde{A}$ ), mas sem possibilidade alguma de atingimento –, abrem-se para a psicanálise possibilidades novas de reconsiderar e relançar o que foi produzido a partir dos raciocínios e práticas desde sua fundação por Freud. Interessa aqui registrar brevemente duas dessas novas proposições e cotejar com o que foi exposto sobre Leroi-Gourhan:

a. Em [1994], Magno introduz o que chama de *Creodo Antrópico* para tratar, por via psicanalítica, das vinculações em vigor na história do pensamento e das religiões. Segundo ele, aquela dinâmica do vetor que constantemente vai / retorna do Primário para o Secundário e para o Originário (1ar→2ar→Or) permite destacar o andamento de *Cinco Impérios* no movimento cultural das IdioFormações desde suas primeiras manifestações: Amãe, Opai, Ofilho, Oespírito e Amém. Não cabe aqui a exposição detalhada de cada um deles, e sim lembrar que, no momento presente, ainda vigora o Terceiro Império, d’Ofilho, caracterizado por uma predominância referencial ao Secundário e com forte tintura de cristianismo. No Segundo Império, era de judaísmo.

Ocorre que esse Terceiro Império vive seus derradeiros lampejos, pois o Quarto Império, d’Oespírito, já foi produzido e exige passagem. Sua presença é mais que evidente no ambiente tecnológico-informacional que permeia e conecta o planeta há bom tempo. Ou seja, vive-se o ocaso de um Império com a perspectiva de que o novo Império (já produzido) venha se instalar. Como as resistências aos novos modos ainda persistem, essa instalação levará tempo para predominar. Várias gerações terão que desaparecer para ele entrar em operação generalizada. Mas é inevitável acontecer, pois não há possibilidade de retorno

– a não ser que se renuncie ao aparato tecnológico hoje disponível como concreta “extensão” (como diria McLuhan) de cada um por todos os cantos do planeta.

Daí que Leroi-Gourhan ter trabalhado e se detido em pontos específicos de mudança pelos quais passaram os hominídeos – sobretudo após a “confrontação das cadeias operatórias [implementadas com a separação mão / marcha] conduzir ao domínio material sobre o modo orgânico” ([1965], p. 37) – suscita que se continue a detectar / descrever outros modos possíveis de mudança no mesmo processo, agora dispendo de novos aparelhos teóricos e novos dados de pesquisa. Conjeturar sobre a predominância de Cinco Impérios diferentes – mas não heterogêneos – no decorrer do tempo propicia visualizar pontos de virada, pontos de não retorno, no encaminhamento que esta espécie (de IdioFormações) percorre sem possibilidade de parada definitiva em dada situação, em dado momento, por mais perfeito que pareça. É assim dado que “o inestancável movimento pulsional do Haver em seu périplo [é gozoso,] compulsivamente cíclico e eternamente funcional” [Magno, junho 2024].

Portanto, retornando, a situação atual pensada como inevitável passagem em continuidade (ainda que disruptiva) de

Terceiro para Quarto Império está inserida na linhagem de consideração em que estão Leroi-Gourhan, McLuhan – e Freud...

**b.** Para Leroi-Gourhan, desde os inícios, está continuamente em jogo o mesmo processo que, em dado momento, estabeleceu a “relação da face [linguagem] e da mão [ferramentas], [que] permanece estreita no desenvolvimento cerebral como anteriormente: (...) são dois polos de um mesmo dispositivo” ([1964], p. 34). Essa continuidade processual é enfatizada em diversos momentos de suas considerações – e é esse pensamento da continuidade (em transformação) que interessa ressaltar como uma das exemplaridades para a NovaMente em seus desenvolvimentos.

Tanto é que a partir de maio de 2024, nessa linha, Magno propõe uma reforma de paradigma para pensar o que seja a “vida”. Diz ele que

chamamos de VIDA nossa ‘conhecida’ ordem BIO... como se todo o RESTO fosse paralisado, estático, se não mesmo Morto. (...) [Mas] o próprio HAVER, evidentemente, está bem VIVO, assim também como as FORMAÇÕES que dele derivam, dele nascem (...) claramente, portanto, Seres Vivos desta Espécie. Haja vista a plena autonomia de sua performance. Conceituemos, então, que HAVER É VIDA – a qual se apresenta, para aquém e para além do Bio, em diversas categorias de existência. Do Micro ao Macro, se



move, semovente. (...) Assim sendo, postulemos que o termo VIDA pode e deve nomear vários graus, vários níveis de Havência.

Como se vê, abole-se aí a diferença vida / não-vida. O que se dispõe em continuidade são cinco graus desse desenrolar:

Primeiro, “a VIDA HAB. Isto é, O HAVER como Vida. A Vida Pura, enquanto tão somente havendo”. Segundo, “a VIDA QUANT. Isto é, as mega Formações do Haver, OS UNIVERSOS, como Seres Vivos desta espécie reconhecida. Com tudo dentro deles”. Terceiro, “a VIDA BIO: esta que, dantes, só ela era chamada Vida”. Quarto, como emergências da VIDA BIO, “há a proto-Vida, p. ex., nos Vírus, e toda a série dos vegetais aos animais. Entre estes últimos, se destacam as Idio-Formações que podemos nomear de VIDA IDIO”. E, quinto grau, “a VIDA ROB: essa que as IdioFormações acaso intentem produzir por tecnologia, Vida Robótica, para além e para fora do campo do BiO”. Assim, “a Vida Hab gera a Vida Quant, de onde emerge a (também nossa) Vida Bio”, na qual emerge a Vida IDIO, “a produzir a nova Vida ROB. Tudo isso no Campo único do MESMO. Alteridade é Paranoia ou, pelo menos, desconsideração do Haver em toda e cada sua parcialidade”.

O conceito do *Mesmo* tem uma regência presente em todo esse processo. As diferenças aí manifestas são apenas modos que comparecem à medida que, nele, o movimento é ininterrupto.

Elas são resultantes dos desempenhos da *força constante* da Pulsão, como Freud definia. Não caberia, portanto, acompanhar o que traz Leroi-Gourhan pensando em diferenças rígidas entre instinto / inteligência, macaco / *homo sapiens*, organismo / técnica, evoluções biológica / social, natureza / cultura, figuração / abstração, artes moderna / das cavernas... Seu trabalho, aliás, está sintonizado ao que diversos pensadores e artistas de seu momento também tematizavam como transformação / continuidade em suas produções.

Por exemplo, Georges Canguilhem que, na época, estudava sobre o normal e o patológico, suas diferenças e prolongamentos. Diz ele, na parte posteriormente incluída em sua tese de 1943 que “a sociedade tem sempre que resolver um problema sem solução, que é o problema da convergência das soluções paralelas. Em face disso, o organismo vivo se coloca precisamente como a simples realização, ou a realização, com simplicidade, de tal convergência” ([1966], p. 227). Em seguida, cita o que Leroi-Gourhan escrevera em [1964]: “Do animal ao homem, tudo acontece, em suma, como se fosse acrescentado cérebro sobre cérebro, e cada uma das formações desenvolvidas por último acarretasse uma coesão cada vez mais sutil de todas as formações anteriores, que continuam a desempenhar seu papel” (p. 114).

Para concluir, a remissão vai para o que Magno coloca na sequência como transformação / continuidade em vigor no paradigma Vida: “(...) a Divina CIRANDA: de HAB vai pra QUANT que vai pra BIO que vai pra IDIO que vai pra ROB – em ETERNO RETORNO DO MESMO, com perecimentos parciais, mas nunca AMORTE, que Não-HÁ, havendo tão somente AVIDA. Tudo isto sob ALEI = Haver Desejo de não-Haver (que aliás, Não Há)” ([2024]).

## Referências

- CANGUILHEM, Georges. [1943] e [1963-1966] *O Normal e o Patológico*. 3ed rev. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1990. Trad.: Maria Thereza de Carvalho Barrocas
- EVERETT, Daniel L. [2017] *Linguagem: a história da maior invenção da humanidade*. São Paulo: Contexto, 2019.
- KITTLER, F. [1986] *Gramofone, Filme, Typewriter*. Minas Gerais: Editora UFMG, 2019.
- LEROI-GOURHAN, André. [1964] *Le Geste et la Parole: (1) technique et langage*. Paris: Albin Michel, 1964.
- \_\_\_\_\_. [1965] *Le Geste et la Parole: (2) la mémoire et les rythmes*. Paris: Albin Michel, 2022.
- MAGNO, MD. [1992] *Pedagogia Freudiana*. Rio de Janeiro: Imago, 1993.
- \_\_\_\_\_. [1994] *Velut Luna: A Clínica Geral da Nova Psicanálise*. 2ed. Rio de Janeiro: NovaMente editora, 2008.
- \_\_\_\_\_. [1998] *Aparelho Clínico. A sair*

---

\_\_\_\_\_. [2013] *Razão de um Percurso*. Rio de Janeiro: NovaMente editora, 2015.

\_\_\_\_\_. [2017] *SóPapos 2017*. Rio de Janeiro: NovaMente editora, 2024.

\_\_\_\_\_. [2020] *SóPapos 2020*. Rio de Janeiro: NovaMente editora, 2023.

\_\_\_\_\_. [2024] *E-Mails*. A sair

McLUHAN, Herbert Marshall. [1962] *A Galáxia de Gutenberg: a formação do homem tipográfico*. SP: Cia Editora Nacional, 1969 (2ed, 1977). Trad.: Leônidas Gontijo de Carvalho e Anísio Teixeira.

\_\_\_\_\_. [1964] *Os Meios de Comunicação como Extensões do Homem (Understanding Media)*. São Paulo: Cultrix, 1969. Trad.: Décio Pignatari.